

Quem encontra algo procurou mal: dez poemas de Rutger Kopland

Jeroen Dewulf

“Wie wat vindt heeft slecht gezocht” – “Quem encontra algo procurou mal”, essa frase não é apenas o título de uma coletânea de Rutger Kopland que saiu em 1972, é também uma frase que caracteriza a sua maneira de escrever e de pensar poesia. Rutger Kopland (pseudônimo de Rutger Hendrik van den Hoofdakker) nasceu em Goor, nos Países-Baixos, em 4 de Agosto de 1934. Kopland descobriu o seu talento para a poesia ainda quando era estudante de medicina em Groningen. Depois de formado, continuou a escrever poesia paralelamente ao seu trabalho como médico, cientista e, a partir de 1983, professor de Biopsiquiatria na universidade onde se formou. É um dos mais conceituados poetas holandeses contemporâneos, distinguido, em 1988, com o prestigioso prêmio P.C. Hooft. O seu sucesso reflecte-se também na venda dos seus livros - nenhum poeta holandês vende tanto como Kopland – e nas traduções em mais de trinta línguas, das quais citamos as edições inglesas: *An Empty Place to Stay and Other Selected Poems* (Twin Peaks Press, San Francisco, 1977), *The Prospect and the River* (Jackson’s Arm, London, 1987), *A World Beyond Myself* (Enitharmon Press, London, 1991) e francesas *Songer à partir* (Gallimard, Paris, 1986) e *Souvenirs de l’inconnu* (Gallimard, Paris, 1998).

Apesar de Kopland pretender distinguir claramente entre a sua profissão como cientista e a sua poesia, o crítico literário Remco

Ekkers sublinha que a fonte das duas atividades é a mesma, nomeadamente, uma curiosidade pela estrutura da realidade. Tanto na ciência como na arte, procura-se uma ligação entre aquilo de que não se sabia que existia. (Ekkers 1997:8) Assim, voltamos à palavra-chave “procurar”, um conceito bem presente na obra de Kopland. Trata-se, por um lado, de uma procura pela palavra certa, como, por exemplo, se vê no título da sua poetologia de 1998 “Mooi, maar dat is het woord niet” - “Bonito, mas não é esta a palavra”. É também uma procura pela formulação mais adequada para poder exprimir uma idéia, um pensamento ou um conceito. Veja-se, por exemplo, a contínua repetição da frase “o que quero dizer é”, que praticamente faz recomeçar três vezes o poema “Wat is geluk?” – “O que é felicidade” de 1997.

Rutger Kopland não é um poeta “cômodo”. A sua obra não proporciona ao leitor nenhum tipo de conforto; ela parte do princípio de que cabe a cada indivíduo determinar a sua própria existência e de que, nessa tarefa, está rigorosamente só. Contudo, a melancolia Koplandiana é profundamente irônica. Kopland foge de todo tipo de ideias bombásticas, o seu pensamento segue um olhar irônico sobre a vida quotidiana, o que faz com que os seus poemas sejam muito leves, tão leves que quase escondem a sempre presente desilusão. Apesar de os seus poemas terem um estilo simples e ligeiro, é uma poesia que nos cativa e para a qual o poeta flamengo Herman de Conick utilizou a palavra “misteriosa” (Conick 1970:70). Um mistério que talvez esteja ligado à eterna procura de um certo sentido na vida; um *certo* sentido e não um *sentido certo*, pois, quem encontra algo, diz Kopland, procurou mal. Ou seja, o encontrar não é apenas impossível, é até indesejável. Deste modo, Kopland indica que o verdadeiro sentido da vida está apenas no procurar. Trata-se de um pensamento que nos leva para bem perto do niilismo, mas em vez de afirmar que a vida é *sem* sentido, Kopland parece mais inclinar para a idéia de uma vida *livre* de sentido, isto é, uma vida em que cada um/uma tem a liberdade de fazer com a sua existência o que quiser, mes-

mo sabendo que na sua procura estará sempre só, mesmo sabendo que nunca encontrará aquilo que deseja encontrar. Verdades absolutas são rejeitadas por Kopland, quando no seu poema de 1969 “De macht van het evangelie” – “A força do evangelho”, o senhor lhe bata à porta, não é ele que segue o senhor, mas é o próprio senhor que acaba por pedir perdão de lhe ter incomodado. O conceito da verdade aparece-nos assim no sentido nietzscheano, da verdade como uma metáfora, como algo que até se pode tentar captar em palavras, mas para o qual nunca ninguém conseguirá encontrar a última palavra. E olhando para aquilo que fizeram aqueles que julgavam ter encontrado a verdade, só podemos dar razão a Kopland quando afirma: “Quem encontra algo procurou mal”.

Apresentamos aqui uma tradução para o português de dez poemas seus. Da coletânea *Het orgeltje van yesterday* (“O pequeno órgão de yesterday”, 1968) escolhemos os poemas “Juffrouw A” (“A jovem senhora A”), “Zijn jas” (“O seu casaco”) e “De dokter van Jantje” (“O médico do Joãozinho”). Os poemas “De macht van het evangelie” (“A força do evangelho”), “Een moeder” (“Uma mãe”) e o seu poema mais famoso “Jonge sla” (“Alface nova”) foram tirados da sua obra *Alles op de fiets* (“Tudo de bicicleta”, 1969). Seguem-se os poemas “Vertrek van dochters” (“Quando partem as filhas”) de *Dit uitzicht* (“Esta vista”, 1982), “Zelfportret” (“Auto-retrato”) de *Dankzij de dingen* (“Graças às coisas”, 1989), “Oude gezichten” (“Rostos velhos”) de *Geduldig gereedschap* (“Utensílios pacientes”, 1993). Concluimos com o poema que o próprio Rutger Kopland considera um dos seus preferidos: “Wat is geluk” (“O que é felicidade”) da sua mais recente coletânea de poesia *Tot het ons loslaat* (“Até que nos largue”, 1997). Agradece-se a Márcio A. Vianna F^o por ter contribuído na revisão e a Arie Pos e Bas Pauw pelo seu apoio na busca da bibliografia. Os direitos dos poemas de Kopland estão com a editora G.A. van Oorschot (Amsterdã).

JUFFROUW A

Op 19 september, een nevelige
negentiende, stapte juffrouw A
aan de verkeerde kan van
haar scheepje Steeds Tevreedden
in het Meppelerdiep.

Het was al koud, zij had
de kachel niet aan kunnen krijgen,
haar oude moeder was gestorven,
alles roestte en knarste, vanuit
haar kombuis leken god en
sociale zaken niet te bereiken.
Zij ging van boord

A JOVEM SENHORA A

No dia 19 de Setembro, um dezanove
nublado, a jovem senhora A
saiu do lado errado do
seu barquinho Sempre Contente
no rio Meppelerdiep.

Já fazia frio, ela não tinha
conseguido acender o fogão,
a sua velha mãe morrera,
tudo enferrujava e rangia, de dentro
da sua cozinha, deus e a segurança
social pareciam-lhe inacessíveis.
Ela desembarcou.

ZIJN JAS

Mijn vader J was nog maar net gestorven toen mijn moeder A zijn nieuwe regenjas voorzichtig van de kapstok nam. Pas eens, zei ze, hij was er zo trots op.

Daar stond ik dan en voelde aan de mouwen en bij het sluiten van de knopen hoe dood hij was en hoe ver weg mijn jeugd. Oud en zwak zou ik worden, in deze plooiën zou mijn huid gaan hangen om mijn knoken.

A SUA GABARDINA

Logo que o meu pai J morreu, a minha mãe A apanhou cuidadosamente a nova gabardina do bengaleiro. Experimenta, disse, ele tinha tanto brio nela.

Então lá estava eu a sentir nas mangas e ao fechar os botões o quanto ele estava morto e quanto a minha juventude estava distante. Eu teria de ficar velho e fraco, nestas dobras a minha pele viria a ficar pendurada em torno dos ossos.

DE MACHT VAN HET EVANGELIE

De heer die de deur open deed
en die ik vriendelijk vroeg
om hem dicht te laten,
deed dit niet. Ik sloot
de deur. Eerste waarschuwing.

De heer deed de deur weer open
en toen ik hem vroeg dan ten-
minste zijn mond dicht te doen,
deed hij dit niet. Ik sloot
de deur. Tweede waarschuwing.

De heer probeerde weer de deur
open te doen, maar omdat ik er
krachtig tegenaan was gaan staan,
lukte dit niet. Ik hield de deur
dicht. Derde waarschuwing.

De heer ramde de deur toen open
en omdat ik even op zij was gegaan
viel de heer op zijn knieën
voor mijn voeten. Ik sloot
de deur. Vierde waarschuwing.

De heer was grauw en zocht ruzie,
maar toen ik vriendelijk zei dat ik
niet hier maar later vreselijk zou
worden gestraft, vroeg hij vergeving
en verdween door de deur, die ik
voor hem open hield.

A FORÇA DO EVANGELHO

○ senhor que abriu a porta
e a quem gentilmente pedi
que a deixasse fechada,
não o fez. Eu fechei
a porta. Primeiro aviso.

○ senhor abriu novamente a porta
e quando lhe pedi para ao
menos se calar,
ele não o fez. Eu fechei
a porta. Segundo aviso.

○ senhor tentou abrir a porta
novamente, mas como eu a
segurei com força,
ele não conseguiu. Eu mantive
a porta fechada. Terceiro aviso.

○ senhor então arrombou a porta
e como tinha-me afastado dela
o senhor caiu de joelhos
aos meus pés. Eu fechei
a porta. Quarto aviso.

○ senhor foi rude e queria brigar,
mas quando gentilmente lhe disse que eu não seria
castigado aqui de forma atroz, mas depois, ele pediu
perdão
e desapareceu pela porta, que eu
mantive aberta para ele.

DEWULF, Jeroen. Quem encontra algo procurou mal: dez poemas de Rutger Kopland.

EEN MOEDER

loopt langzaam naar haar kind om
het niet te laten schrikken,
pakt het voorzichtig op om
het niet te beschadigen,
slaat dan keihard.

UMA MÃE

anda lentamente em direcção ao seu filho para não o
assustar,
levanta-o cuidadosamente para
não o danificar,
depois bate com toda a força.

JONGE SLA

Alles kan ik verdragen,
het verdorren van bonen,
stervende bloemen, het hoekje
aardappelen kan ik met droge ogen
zien rooien, daar ben ik
werkelijk hard in.

Maar jonge sla in September,
net geplant, slap nog,
in vochtige bedjes, nee.

ALFACE NOVA

Suporto qualquer coisa,
os feijões que estão a secar,
as flores a morrer, no cantinho
das batatas posso vê-las ser colhidas
com os olhos secos, para essas coisas
é verdade que sou mesmo duro.

Mas alface nova em Setembro,
recém plantada, fraca ainda,
em canteiros húmidos, isso não.

VERTREK VAN DOCHTERS

Ze moesten inderdaad gaan, ik had het gezien
aan hun gezichten die langzaam veranderden
van die van kinderen in die van vrienden,
van die van vroeger in die van nu.

En gevoeld en geroken als ze me kusten,
een huid en een haar die niet meer voor mij
waren bedoeld, niet zoals vroeger,
toen we de tijd nog hadden.

Er was in ons huis een wereld van verlangen,
geluk, pijn en verdriet gegroeid, in hun
kamers waarin ze verzamelden wat ze mee
zouden nemen, hun herinneringen.

Nu ze weg zijn kijk ik uit hun ramen en zie
precies dat zelfde uitzicht, precies die
zelfde wereld van twintig jaar her,
toen ik hier kwam wonen.

QUANDO PARTEM AS FILHAS

Elas tinham mesmo de ir, vi-o
nos seus rostos que se transformavam lentamente de
rostos de crianças em rostos de amigas, de rostos de
outrora nos rostos de agora.

E senti e cheirei, quando me beijaram,
uma pele e uns cabelos que já não eram feitos para
mim, não como antigamente,
quando ainda tínhamos o tempo para nós.

Na nossa casa, formara-se um mundo de desejos, fe-
licidade, dor e tristeza, nos seus
quartos, onde juntavam o que iam
levar, as suas recordações.

Agora que já partiram, olho pelas suas janelas e vejo
precisamente aquela mesma paisagem, aquele mes-
mo mundo de vinte anos atrás,
quando cá vim morar.

DEWULF, Jeroen. Quem encontra algo procurou mal: dez poemas de Rutger Kopland.

DE DOKTER VAN JANTJE

De dokter ziet hoe de moeder haar
zakdoekje in haar handen knelt.
Hij kijkt naar haar handen, naar
het schort waar de mantel openvalt,
dan weg naar briefopener, papieren.
Ze zegt: ik heb liever dat u het
vertelt.

O MÉDICO DO JOÃOZINHO

O médico vê como a mãe está a
apertar o lenço nas mãos.
Ele olha para aquelas mãos, para
a saia onde o sobretudo a deixa à mostra, desvia o
olhar para corta-papel, papéis.
Ela diz: prefiro que o doutor me
conte.

OUDE GEZICHTEN

Oude vrouwen, zij kunnen soms even
glimlachen, even gezichten hebben
als oude schilderijen.

Ineens weet ik hoe mooi zij zijn geweest,
hoe ik naar hen heb verlangd.

Maar wat terugkeert in hun gezichten is
voorbij, oud goudgeel licht

over die mooie wereld die er nog is
maar alleen omdat zij er was.

ROSTOS VELHOS

Mulheres velhas, elas podem até sorrir
por instantes, por instantes ter rostos
como velhas pinturas

De repente sei o quanto foram bonitas,
quanto as desejei.

Mas o que os seus rostos trazem de volta é passado,
velha luz dourada.

a iluminar aquele belo mundo que ainda existe mas
apenas por ter já existido.

ZELFPORTRET

Zoals de hoge ramen van dit huis,
zo moet het zijn, zoals nu.

Het is avond, daar beneden drijven
wat eenden op de vijver, daar begint
in het gras het pad zijn langzame
boog omhoog door het woud, rood
als oud bloed, en boven de heuvel
de hemel, grauw van sneeuw, nevel
en rook. Het kwaakt, schreeuwt,
geurt naar vochtig blad en houtvuur,
het is koud in je gezicht, zo

moet het zijn nu, daar. En niemand
die daar loopt, om dit te horen
te voelen en te ruiken. Zullen we
de fluwelen gordijnen sluiten
of open laten.

AUTO-RETRATO

Tal como as janelas altas desta casa,
é assim que tem de ser, como agora.

É noite, lá em baixo alguns patos
estão a nadar no lago, ali na relva
o caminho começa a percorrer o seu lento arco atra-
vés da floresta, vermelha
como sangue velho, e acima da colina
o céu, cinzento de neve, neblina
e fumo. Grasna, grita, cheira
a folhas húmidas e madeira a queimar,
está frio no teu rosto, assim

deve ser lá, agora. E ninguém
anda ali, para o ouvir,
sentir e cheirar. Fechamos
as cortinas de veludo
ou deixamo-las abertas?

WAT IS GELUK

Omdat het geluk een herinnering is
bestaat het geluk omdat tevens
het omgekeerde het greview is,

ik bedoel dit: omdat het geluk ons
herinnert aan het geluk achtervolgt het
ons en daarom ontvluchten wij het

en omgekeerd, ik bedoel dit: dat wij
het geluk zoeken omdat het zich
verbergt in onze herinnering en

omgekeerd, ik bedoel dit: het geluk
moet ergens en ooit zijn omdat wij dit
ons herinneren en dit ons herinnert.

O QUE É FELICIDADE

Como a felicidade é uma recordação
a felicidade existe porque também
o seu contrário se verifica,

o que quero dizer é: como a felicidade
nos faz lembrar a felicidade ela persegue-nos
e por isso fugimos dela

e pelo contrário, o que quero dizer é: que nós procu-
ramos a felicidade porque ela
se esconde nas nossas recordações e

pelo contrário, o que quero dizer é: deve existir a felicidade algures e em algum tempo pois lembramo-nos disto e isto faz-nos lembrar.

BIBLIOGRAFIA

- CONINCK, Herman de (1970): "Rutger Kopland en de regelrechte grote gevoelens waar het om gaat", em: *Kreatief*, nr. 4/5.
- EKKERS, Remco (1997): "Dankzij de dingen", em: *Lexicon van literaire werken*, Amsterdam.
- EVENPOEL, Stefaan (1989): "Alles op de fiets", em: : *Lexicon van literaire werken*, Amsterdam.
- KOPLAND, Rutger (1988): *Dankwoord bij de aanvaarding van de P.C. Hooftprijs*, Amsterdam.
- KOPLAND, Rutger (1999): *Geluk is gevaarlijk: Een keuze uit de gedichten*, Amsterdam.
- KOPLAND, Rutger (2000): *Gedichten*, Amsterdam.